



## O Esclarecimento na Dialética de Adorno e Horkheimer: A Presença de Kant no Clássico Frankfurtiano<sup>1</sup>

Ana Carolina Ferreira Borges<sup>2</sup>

Poliana Nunes de Oliveira<sup>3</sup>

Rafiza Luziani Varão Ribeiro<sup>4</sup>

Universidade Católica de Brasília - UCB

### Resumo

O conceito de Indústria Cultural é crucial no estudo da Comunicação. Este conceito surge em 1947 com o livro *Dialética do Esclarecimento*, de Theodor Adorno e Max Horkheimer. De acordo com os autores, o uso irrestrito da técnica na produção de bens culturais elimina a possibilidade de reflexão por parte dos espectadores sobre aquilo que lhes é oferecido pelos meios de comunicação. As idéias contidas no texto, em geral vistas como radicais e preconceituosas, são uma continuação da noção de esclarecimento dada pelo filósofo Immanuel Kant no final do século XVIII. Na *Dialética*, o esclarecimento tem seu significado ampliado e passa a significar o pensamento burguês. O objetivo deste artigo é promover um diálogo entre os autores, mostrando de que forma o pensamento kantiano influenciou na obra de Adorno e Horkheimer.

### Palavras-chave

Teorias da Comunicação; Kant; Esclarecimento; Dialética do Esclarecimento.

### Introdução

O livro *Dialética do Esclarecimento*, lançado em 1947, tornou-se peça de grande importância para o estudo da Comunicação ao citar, pela primeira vez, o que viria a ser um dos maiores legados frankfurtianos<sup>5</sup>: o conceito de Indústria Cultural, processo em que os bens culturais passam a ser produzidos de forma padronizada e entendido como mecanismo de alienação e dominação na sociedade capitalista. Os autores, Theodor Adorno e Max Horkheimer, fazem uma análise crítica da racionalidade na sociedade contemporânea e apontam uma alienação do público perante os produtos fornecidos pelos meios de comunicação, além de criticarem duramente os métodos que os

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Sessão Teorias da Comunicação, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do Curso de Comunicação Social da Universidade Católica de Brasília. E-mail: [anacfb@gmail.com](mailto:anacfb@gmail.com)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação do Curso de Comunicação Social da Universidade Católica de Brasília. E-mail: [polinunes@gmail.com](mailto:polinunes@gmail.com)

<sup>4</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da Universidade Católica de Brasília. E-mail: [rafiza@gmail.com](mailto:rafiza@gmail.com)

<sup>5</sup> Frankfurtianos é um termo que designa os estudiosos do Instituto de Pesquisas Sociais, situado em Frankfurt-am-Main, na Alemanha, e que ficou conhecido na década de 60 como Escola de Frankfurt.



detentores desses meios utilizam para manter cativo o seu público. Essa posição assumida pelos autores frankfurtianos é resultado de um paradigma maior: o do esclarecimento, “caracterizado pela defesa da ciência e da racionalidade crítica, contra a fé, a superstição e o dogma religioso” (JAPIASSU e MARCONDES, 1996, p.137).

O paradigma do esclarecimento trabalhado por Adorno e Horkheimer na obra tem, na verdade, uma origem mais remota. Boa parte das idéias contidas na *Dialética* é um eco do que foi dito quase duzentos anos antes pelo filósofo alemão do Iluminismo<sup>6</sup> Immanuel Kant, em *Resposta à Pergunta: Que é Esclarecimento?*<sup>7</sup> Contudo, apesar de a *Dialética* ser considerada um clássico no estudo da Comunicação, pouco é falado a respeito do texto kantiano. O livro é ao mesmo tempo continuidade e ruptura com a idéia de razão libertadora de Kant. Para os frankfurtianos, a possibilidade de esclarecimento existe, mas a vontade não, e os motivos já estão expostos em Kant, a saber: esclarecer-se é penoso, e até mesmo “inútil” uma vez que tudo está dado.

“É tão cômodo ser menor<sup>8</sup>! Se eu tenho um livro que faz as vezes de meu entendimento, um diretor espiritual que por mim tem consciência, um médico que por mim decide a minha dieta, etc., então não preciso de esforçar-me eu mesmo. Não tenho a necessidade de pensar quando posso simplesmente pagar; outros se encarregarão em meu lugar dos negócios desagradáveis” (KANT, 1784, p. 101-102)

De fato, o que Adorno e Horkheimer fazem é trazer a proposta kantiana para o contexto do mundo capitalista e mediático atual. Para tanto, eles vão além, levam o esclarecimento para o princípio da História, em Homero e sua Odisséia, seguem o curso e mostram a sua presença em Sade, contemporâneo de Kant, continuam o trajeto até Nietzsche, filósofo posterior a Kant, e terminam o curso apresentando a situação do esclarecimento nos dias atuais, no caso, 1947 (pós-guerra).

A questão que levantamos aqui é: qual a influência do pensamento de Kant na obra de Adorno e Horkheimer?

Pretendemos, assim, nesse artigo, promover o diálogo entre esses autores (Kant, Adorno e Horkheimer), mostrando de que forma o primeiro foi decisivo para o pensamento dos demais. Numa leitura rápida a respeito da obra frankfurtiana,

---

<sup>6</sup> *Aufklärung*, em alemão.

<sup>7</sup> Na edição original do *Berlinische Monatsschrift* há uma referência à página 516 do número do jornal publicado em 5 de dezembro de 1783. Trata-se de uma referência a um ensaio do Reverendo. Zöllner, “*É recomendável a religião autorizar casamentos?*” A passagem mais relevante diz: “O que é Iluminismo? A pergunta, que é quase tão importante quanto a pergunta *O que é verdade?*, deveria ser respondida antes que se começasse a iluminar os outros. E, no entanto, nunca encontrei a resposta em parte alguma”

<sup>8</sup> A menoridade a qual Kant faz referência é de ordem intelectual.



encontramos análises que podem sugerir que a crítica dos intelectuais críticos é fruto de um desprezo pela cultura americana, como fica nítido em citações de livros que tratam sobre teorias da Comunicação, como *História das teorias da Comunicação*, de A. Mattellart, onde a respeito dos estudos sobre programas musicais no rádio realizados por Adorno, em parceria tumultuada com Paul Lazarsfeld, lê-se: “Suas análises sobre o jazz são indicativas de sua posição extrema, na qual alguns logo viram um etnocentrismo europeu característico” (MATTELART, 1999, p.76).

A mesma impressão pode ser causada na leitura direta da própria *Dialética*, quando os autores dizem, por exemplo, que “Kant antecipou intuitivamente o que foi realizado conscientemente apenas em Hollywood: as imagens são censuradas com antecipação no mesmo instante de sua produção, segundo os moldes do intelecto que estabelecem o modo como devem ser contempladas” (ADORNO e HORKHEIMER, 1947, p 83).

No entanto, é importante levar em conta que, apesar de na época a Europa já estar passando por um processo de esquematização e standardização da cultura, ao chegarem em solo americano, os pesquisadores encontraram esse processo em estágio muito mais avançado, o que inevitavelmente causou um grande choque, e acabou gerando reflexões mais profundas sobre o impacto da Indústria Cultural.

O livro se afasta dos diagnósticos anteriores, calcados sobre o fascismo, integra uma compreensão da história mais abrangente, e o que é mais importante, é escrito na década de 40, tomando-se em consideração o contacto dos autores com a sociedade americana. Não se pode esquecer que nele, pela primeira vez, se fala em indústria cultural, conceito que sintetiza a crítica da cultura de massa nas sociedades modernas (ORTIZ, 1986).

Por isso, apesar da fácil associação, é preciso ficar claro que a crítica dos teóricos é sobre o processo de industrialização presente nos meios de comunicação como um todo, independente da nacionalidade, apenas mais evidente, na época, nas sociedades mais industrializadas, como a dos Estados Unidos, e não se trata apenas de um olhar intransigente europeu sobre a cultura americana.

Tendo em vista a amplitude das obras dos autores aqui trabalhados, o diálogo proposto toma por base a idéia de esclarecimento contida no texto *Resposta à Pergunta: Que é Esclarecimento?*, de Kant e como esta idéia está presente no livro *Dialética do Esclarecimento*, de Adorno e Horkheimer. Buscamos mostrar que o esclarecimento que



está em Kant perpassa a idéia de Indústria Cultural, conceito que, durante muitos anos, foi central no estudo da Comunicação.

Acreditamos que, de um modo geral, a idéia de radicalismo ligada à *Dialética do Esclarecimento* é exagerada. As conclusões de Adorno e Horkheimer seguem um raciocínio lógico e embasado e, como veremos a adiante, os autores não tinham interesse em promover o fim do processo de standardização da cultura. A partir da promoção deste diálogo, podemos ter uma melhor compreensão da obra frankfurtiana, que, afinal, representa uma importante seara para os estudos em Comunicação.

### **O nascimento da Dialética**

Antes de falar sobre o processo de escrita da *Dialética*, faz-se necessário contar um pouco a história da chamada Escola de Frankfurt. Apesar de sugerir uma instituição material localizada em determinada cidade, o nome “Escola de Frankfurt” refere-se na verdade a um grupo de intelectuais, em sua maioria de origem judaica, empenhados no desenvolvimento de uma teoria social. Aliás, essa expressão nasceu externamente nos anos 60, e foi posteriormente adotada por Adorno e pelos outros membros que compunham a Escola na época.

Em 1922, na Turíngia, marxistas, liderados por Felix Weil, filho de um rico produtor de trigo alemão emigrado para a Argentina, tiveram a idéia de criar um grupo de trabalho para documentação e teorização dos movimentos operários na Europa. Assim nasceu o Instituto de Pesquisas Sociais, vinculado à Universidade de Frankfurt. Seu primeiro diretor foi o historiador e marxólogo Carl Gruenberg, responsável pela edição da revista *Arquivo da História do Socialismo e do Movimento Operário*, fundada em 1910 e primeiro espaço onde os pesquisadores do Instituto puderam publicar seus trabalhos. Em 1930, sete anos após a fundação do Instituto, Gruenberg foi substituído por Max Horkheimer, o que mudou a orientação dos trabalhos editados na revista, inicialmente voltada para a “história do socialismo e do movimento operário” (FREITAG, 1994, p. 11), e o próprio nome da revista, que passou a chamar *Revista de Pesquisa Social*, na qual eram publicados os trabalhos produzidos pelos intelectuais, que passaram a integrar um verdadeiro centro de pesquisa, agora preocupado “com uma análise crítica dos problemas do capitalismo moderno que privilegiava claramente a superestrutura” (FREITAG, 1994, p. 11). Apesar da ligação com a Universidade, havia



total autonomia, garantida pelo pai de Weil, que financiava não só os estudos do filho como todo o Instituto.

Os estudos eram fortemente baseados na filosofia de Marx, abrindo mão, contudo, de seu engajamento político. Aliás, mesmo a ideologia marxista que seguiam era a presente em seu princípio essencial, que consistia na “crítica concreta das relações de trabalho alienadas e alienantes. Os teóricos não vinham nem do marxismo, nem do movimento operário, eles reproduziam, de certo modo, as experiências do jovem Marx” (WIGGERSHAUS, 2006, p. 37).

A primeira fase foi decisivamente marcada pela personalidade de Max Horkheimer, sua orientação teórica e suas convicções políticas. Sob sua gestão,

o interesse documentário de *como* a classe operária enfrentava as crises específicas do capitalismo do início do século XX transformou-se no interesse teórico do *porquê* de a classe operária não ter assumido o seu destino histórico de revolucionar a ordem estabelecida. Essa explicação era buscada na conjunção específica das macroestruturas capitalistas com as microestruturas da família burguesa e proletária (FREITAG 1994, p. 15)

Três anos depois de tomar posse, Horkheimer dá início, em Genebra, na Suíça, a uma série de emigrações, devido à repressão nazista comandada por Hitler, nomeado chanceler em janeiro de 1933. No dia 14 de julho do mesmo ano, o Instituto é confiscado pela Gestapo, polícia secreta do governo.

No entanto, apenas a parte administrativa pôde ser instalada em solo suíço, tanto pelo medo de um *Reich*, quanto pela hostilidade com a qual os imigrantes, especialmente judeus, eram tratados. Assim, foram instaladas em Paris uma filial do Instituto e uma nova sede para a editora da *Revista*. Já na Inglaterra, foi criado um pequeno escritório na *Play House* do Instituto de Sociologia de Londres.

Diante da impossibilidade de transformar uma dessas filiais em sede, Horkheimer foi, graças à insistência de Erich Fromm, membro do Instituto, e de Julian Gumperz, colaborador de Friedrich Pollock, também membro, aos Estados Unidos para analisar a possibilidade de uma transferência definitiva para o novo mundo. Ao chegar, Horkheimer percebeu que a situação econômica americana não era tão boa quanto esperava, mas havia ali a esperança de dar continuidade aos trabalhos do Instituto. “No fundo, tenho a impressão de que, nos anos que virão, este continente será mais propício

do que a Europa para se realizar um trabalho científico com tranquilidade” (Carta de Horkheimer a Pollock in WIGGERSHAUS, 2006, p. 173).

Durante a emigração para os Estados Unidos são produzidos os trabalhos que dão origem à “teoria crítica”<sup>9</sup>. Na década de 1930, pouco a pouco os colaboradores foram chamados a morar na cidade de Nova Iorque, que virou o centro científico do Instituto. Apenas em 1950 é que os teóricos retornam a Frankfurt, para a Alemanha liberada do nazismo, mas destruída pela guerra. O Instituto continuou a ser dirigido por Horkheimer até 1967, quando este se aposenta e passa o cargo para Adorno.

É inclusive pela relação intelectual estabelecida entre Adorno e Horkheimer que a semente da *Dialética do Esclarecimento* vai ser trabalhada.

Escrever uma dialética<sup>10</sup> era o grande sonho de Horkheimer, tanto que este chegou a afirmar que “todos os outros trabalhos que havia feito até então eram apenas uma preparação para este” (WIGGERSHAUS, 2006, p.206). O livro levou três anos para ser escrito, entre 1941 e 1944.

A obra *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos* está dividida em cinco capítulos: “O Conceito de Esclarecimento”, “Ulisses ou Mito e Esclarecimento”, “Juliette ou Esclarecimento e Moral”, “A Indústria Cultural: O esclarecimento como mistificação das massas” e “Elemento do Anti-Semitismo: Limites do Esclarecimento”. No primeiro, nas palavras dos próprios autores, são apresentadas duas teses, segundo as quais o mito já é esclarecimento e o esclarecimento acaba por se reverter à mitologia. No segundo, a Odisséia, de Homero, é apresentada como um dos primeiros relatos da civilização burguesa. O terceiro trata das contradições do pensamento burguês, em especial no que diz respeito à moralidade e à amoralidade. No quarto capítulo, os autores apresentam o conceito de Indústria Cultural e a usam como prova do retorno do esclarecimento à condição de ideologia. “Nossa análise atém-se à pretensão, objetivamente inerente aos produtos, de serem obras estéticas e, por isso mesmo, uma

---

<sup>9</sup> É importante ressaltar que há grande diferença entre Teoria Crítica e Escola de Frankfurt, para evitar que sejam interpretadas como uma coisa só. “O termo ‘Escola de Frankfurt’ veio a ser usado amplamente, mas de forma muito vaga, para designar ao mesmo tempo um grupo de intelectuais e uma teoria social específica” (SLATER, 1978, p.11). A expressão Escola de Frankfurt, conforme foi dito, é uma referência a um grupo composto por vários intelectuais que desenvolveram diversas pesquisas paralelas. Por outro lado, o termo “teoria crítica” foi criado por um desses intelectuais e acabou sendo utilizado pelos outros por diferenciar o trabalho frankfurtiano da teoria marxista ortodoxa.

<sup>10</sup> De acordo com a visão marxista, dialética é um método, Marx “insiste na necessidade de considerarmos a realidade socioeconômica de determinada época como um todo articulado, atravessado por contradições específicas, entre as quais a da luta de classes. A partir dele, mas graças sobretudo à contribuição de Engels, a dialética se converte no método do materialismo e no processo do movimento histórico que considera a Natureza: a) como um todo coerente em que os fenômenos se condicionam reciprocamente; b) como um estado de mudança e de movimento; c) como o lugar onde o processo de crescimento das mudanças quantitativas gera, por acumulação e por saltos, mutações de ordem quantitativa; d) como a sede de contradições internas, seus fenômenos tendo um lado positivo e o outro negativo, um passado e um futuro, o que provoca a luta das tendências contrárias que gera o progresso” (JAPIASSU e MARCONDES, 1996, p. 7)

configuração da verdade” (ADORNO e HORKHEIMER, 1947, p.16). O último capítulo, sobre anti-semitismo, fala sobre o retorno à barbárie e a tendência a autodestruição que caracteriza a racionalidade.

O ponto de partida para a redação da *Dialética* aconteceu em agosto de 1941, quando, ao ler um manuscrito de Adorno intitulado *Zur Philosophie der neuem Musik* (*Sobre a filosofia da nova música*), Horkheimer declara: “Se alguma vez em minha vida conheci o entusiasmo, foi nessa leitura” (WIGGERSHAUS, 2006, p.331). Neste momento, os dois decidem “virar para a própria sociedade’ a força de passividade com que Adorno sentia a música” (WIGGERSHAUS, 2006, p.331). Nessa época, Horkheimer encontrava-se profundamente abatido graças ao avanço do anti-semitismo na Europa, que chegava ao seu auge e indicava o extermínio dos judeus do solo europeu, conforme profetizado por Hitler. Assim, “o centro de interesse de Horkheimer se deslocou definitivamente da teoria da revolução frustrada para a da civilização frustrada” (WIGGERSHAUS, 2006, p.339).

Durante estes últimos dias, dediquei cada minuto a estas páginas sobre a mitologia e o *Aufklärung*, que estarão provavelmente terminadas esta semana. Temo que seja o texto mais difícil que eu já escrevi. Além disso, dá a impressão de um certo negativismo, e eu me esforço, atualmente, para corrigir essa tendência. Nós não deveríamos aparecer como pessoas que só sabem se lamentar das conseqüências do pragmatismo. Mas eu não gostaria, por isso, de acrescentar simplesmente um parágrafo mais positivo com o refrão “mas, afinal, o racionalismo e o pragmatismo não são tão ruins assim” (carta de Horkheimer a Marcuse. In WIGGERSHAUS, 2006, p. 351)

Esse aspecto pessimista acabou se destacando e sendo apontado como uma das principais características da obra, principalmente no tocante à situação do indivíduo perante o poder da Indústria Cultural, como nos fala Francisco Rüdiger:

Depois de terem gerado simpatia, por desmascararem a face *ligh*t, risonha e divertida da dominação, (as idéias frankfurtianas) passaram a ser vistas como produto de um enfoque totalmente pessimista sobre o homem atual e, assim, de pouca serventia para os que desejavam mudar a situação vigente ou, ao contrário, pragmaticamente puseram-se de acordo com ela. (RÜDIGER, 2001 p.144).

Outro ponto importante, e pouco falado, sobre a *Dialética* é o fato de ela ser considerada por seus autores como fragmentária, detalhe exposto nas cartas enviadas por Horkheimer a Pollock durante os anos em que a *Dialética do Esclarecimento* foi

escrita. De acordo com Horkheimer, “mais do que as outras, a seção sobre a indústria da cultura é ainda mais fragmentária” (WIGGERSHAUS, 2006, p. 352).

Diante de tais afirmações é inevitável refletir como Wiggershaus, quando ele diz que

tudo indicava um caráter aberto, inacabado, que mais tarde o leitor de *Dielektik der Aufklärung* dificilmente poderia perceber, sobretudo por causa do prefácio decididamente pessimista [...]. O abandono dessa frase do prefácio e o fracasso real das tentativas de continuação fizeram do livro algo diferente daquilo que a forma sob a qual fora publicado indicava: um fragmento acabado em que os autores haviam escrito o que tinham de essencial para dizer (WIGGERSHAUS, 2006, p. 356)

Depois dessa obra, os dois autores abandonam o paradigma do materialismo histórico. “Horkheimer reaproxima-se [...] da teologia e Adorno, desesperando-se cada vez mais da capacidade do pensamento de compreender o particular, sem anulá-la pelo terrorismo do conceito, busca refúgio na dialética negativa e na teoria estética.” (FREITAG, 1994, p.21)

Antes de mudarem o rumo de suas pesquisas, Adorno e Horkheimer marcaram decisivamente os estudos sobre a cultura no século XX, questionando a existência real de um progresso guiado pelo uso da razão.

### **O esclarecimento como prisão consciente**

Para Kant, esclarecer-se é ter a coragem de fazer uso do próprio conhecimento. De acordo com o filósofo, esse é o lema do esclarecimento, que estimula uma visão crítica do mundo guiada pela razão e não pela crença em dogmas. Porém, num dado momento, o esclarecimento é superado pela técnica, que passa a dominar a atitude humana, e para os frankfurtianos, diante dessa superação, “o mundo torna-se o caos, e a síntese, a salvação. Nenhuma distinção deve haver entre o animal totêmico, os sonhos do visionário e a Idéia absoluta.” (ADORNO e HORKHEIMER, 1947, p.21), afinal, todos passam a ser mitos.

A *Dialética* é, em primeiro lugar, uma crítica a essa noção de esclarecimento, ou seja, a essa utilização irrefletida da técnica, vista pelos autores como expressão do pensamento burguês. Para eles, esse esclarecimento é uma negação consciente à felicidade, ao prazer.

Sem a menor consideração consigo mesmo, o esclarecimento eliminou com seu cautério o último resto de sua própria autoconsciência. Só o pensamento que se faz violência a si mesmo é suficientemente duro para destruir os mitos.[...] O que importa não é aquela satisfação que, para os homens, se chama "verdade", mas a "operation", o procedimento eficaz. Pois não é nos "discursos plausíveis, capazes de proporcionar deleite, de inspirar respeito ou de impressionar de uma maneira qualquer, nem em quaisquer argumentos verossímeis, mas em obrar e trabalhar e na descoberta de particularidades antes desconhecidas, para melhor prover e auxiliar a vida", que reside "o verdadeiro objetivo e função da ciência". Não deve haver nenhum mistério, mas tampouco o desejo de sua revelação (ADORNO e HORKHEIMER, 1947, p.20).

A questão é que por comodismo, oportunismo, medo ou preguiça, o homem abre mão do esclarecimento para viver uma vida guiada. Poucos são os que têm a coragem de se soltar dos grilhões que o prendem a essa vida guiada para seguir de acordo com o próprio entendimento. “A preguiça e covardia são as causas pelas quais uma tão grande parte dos homens, depois que a natureza há muito os libertou de uma direção estranha, continuam no entanto de bom grado, menores durante toda a vida” (KANT, 1974, p.100). Portanto, esclarecer-se é tornar-se efetivamente homem.

Adorno e Horkheimer criticam o fato de que aqueles que conseguem fazer a passagem da minoridade para a maioria (no sentido de passarem a dominar a técnica<sup>11</sup>) fazem uso desta condição de esclarecido para, ao tentarem dominar a natureza, dominarem o homem, subjugando-o.

Não há na *Dialética do Esclarecimento* uma negação da possibilidade de esclarecimento do homem, porém, assim como em Kant, uma dúvida quanto à vontade deste de concretizá-lo, ou, principalmente, de utilizá-lo não para fins da própria razão, mas de forma a dominar o homem, aprisionando-o.

Para Kant, o esclarecimento só é possível em liberdade, é a união entre o conhecimento e a autonomia. Daí, Kant dizia: “que um público se esclareça a si mesmo é perfeitamente possível; mais que isso, se lhe for dada a liberdade, é quase inevitável” e que “aprenderiam muito bem a andar finalmente, depois de algumas quedas” (KANT, 1974, p.102). Porém, além da própria falta de vontade por parte do homem de esclarecer-se, partindo da idéia de que conhecimento é poder, outro empecilho ao esclarecimento está na atitude daqueles que, uma vez detentores da técnica, aproveitam-se da condição de menores em que as pessoas se encontram e cuidam para que estas

---

<sup>11</sup> Essa afirmação pode causar num primeiro momento confusão, afinal, não seria dominar a razão? Neste momento, não mais, pois a razão já foi eliminada pela técnica.

permaneçam na mesma situação, mantendo, assim, a ordem vigente. A estes “mantenedores da ordem” Kant dá o nome de guardiões. Para a realização do serviço, esses guardiões lançam mão de artifícios que inibem tentativas de libertação, tornando a menoridade uma “segunda natureza”.

É difícil portanto para um homem em particular desvencilhar-se da menoridade que para ele se tornou quase uma natureza. Chegou mesmo a criar amor a ela, sendo por ora realmente incapaz de utilizar seu próprio entendimento, porque nunca o deixaram fazer a tentativa de assim proceder. Preceitos e fórmulas, esses instrumentos mecânicos do uso racional, ou antes do abuso, de seus dons naturais, são os grilhões de uma perpétua menoridade. Quem deles se livrasse só seria capaz de dar um salto inseguro mesmo sobre o mais estreito fosso, porque não está habituado a este movimento livre. Por isso são muito poucos aqueles que conseguiram, pela transformação do próprio espírito, emergir da menoridade e empreender então uma marcha segura. (KANT, 1974, p.102)

Transpondo para o pensamento frankfurtiano, o uso de fórmulas, que não requer o uso da reflexão, é o pressuposto básico presente no modo de produção da Indústria Cultural. Tudo deve seguir rigorosamente o que está pré-estabelecido. Desde a produção em si de um bem cultural, até a forma de fruição. Nada pode escapar do controle, conforme vemos no capítulo sobre a Indústria Cultural, onde os autores dizem que:

A unidade implacável da indústria cultural atesta a unidade em formação da política. As distinções entre os filmes A e B, ou entre as histórias publicadas em revistas de diferentes preços, tem menos a ver com o seu conteúdo do que com sua utilidade para a sua classificação, organização e computação estatística dos consumidores. Para todos algo está previsto; para que ninguém escape, as distinções são acentuadas e difundidas. O fornecimento ao público de uma hierarquia de qualidades serve apenas para uma quantificação ainda mais completa. Cada qual deve se comportar, como que espontaneamente, em conformidade com o seu nível, previamente caracterizado por certos sinais, e escolher as categorias dos produtos de massa fabricada para o seu tipo (ADORNO e HORKHEIMER, 1947, p.116)

A partir dos trechos acima, vê-se claramente que há um paralelo entre os raciocínios de Kant e de Adorno e Horkheimer. O esforço feito pelos guardiões com o intuito de manterem cativo o seu gado é equivalente ao feito pela Indústria Cultural para manter em cativeiro o seu público.



Seguindo este raciocínio, fica evidente a inevitabilidade de sucesso da Indústria Cultural no processo de dominação do homem tendo em vista que ela é capaz de suprir essas três necessidades, por meio do entretenimento. Os guardiões, segundo Kant, ou a Indústria Cultural, segundo os frankfurtianos, apresentam-se, ao mesmo tempo, como guias da multidão, espelho do público, que se vê refletido na tela do cinema, ou da tevê, ou ainda, na letra da canção, e válvula de escape da realidade nem sempre coerente com o desejado. A sociedade burguesa preconiza o trabalho mecanizado, logo, “ao processo de trabalho na fábrica e no escritório só se pode escapar adaptando-se a ele no ócio” (ADORNO e HORKHEIMER, 1947, p.128). Mas para que se tenha certeza de que a atenção do espectador será mantida, o prazer

não deve mais exigir esforço, [...] O espectador não deve ter a necessidade de nenhum pensamento próprio, o produto prescreve toda a reação: não por sua estrutura temática - que desmorona na medida em que exige o pensamento – mas através de sinais. Toda a ligação lógica que pressuponha um esforço intelectual é escrupulosamente evitada. (ADORNO e HORKHEIMER, 1947, p.128)

O uso desses artifícios é, para os intelectuais de Frankfurt, fruto do esclarecimento espelhado no modo de produção mecanizado. Eles dizem que “no trajeto para a ciência moderna, os homens renunciaram ao sentido e substituíram o conceito pela forma, a causa pela regra e a probabilidade” (ADORNO e HORKHEIMER, 1947, p.21). Esta renúncia da busca pelo sentido, que dá lugar ao uso irrestrito de conceitos e fórmulas é o que lhes faz concluir pelo totalitarismo do esclarecimento.

Esse totalitarismo fica evidente na redução de tudo à Unidade, ao indivíduo, ou seja, ao homem.

A resposta de Édipo ao enigma da esfinge: “É o homem!” é a informação estereotipada invariavelmente repetida pelo esclarecimento [...]. De antemão, o esclarecimento só reconhece como ser e acontecer o que se deixa captar pela unidade. Seu ideal é o sistema do qual se pode deduzir toda e cada coisa [...]. A lógica formal era a grande escola da unificação. Ela oferecia aos esclarecedores o esquema de calculabilidade do mundo. [...]. O número tornou-se o cânon do esclarecimento. (ADORNO e HORKHEIMER, 1947, p.21-22)

O desencantamento visa livrar o mundo do animismo, mas a sua rigidez é comparável ou superior ao esquematismo mitológico. O que muda na concepção esclarecida do mundo é a desvinculação da matéria com o espírito, no entanto as



práticas continuam, “o lugar dos espíritos e demônios locais foi tomado pelo céu e sua hierarquia; o lugar das práticas de conjuração do feiticeiro e da tribo, pelo sacrifício bem dosado e pelo trabalho servil mediado pelo comando” (ADORNO e HORKHEIMER, 1947, p.23).

A idéia de inviabilidade de levar adiante o programa do esclarecimento é exposta logo no início do livro quando os autores afirmam que “a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal” (ADORNO e HORKHEIMER, 1947, p.19), já que alguém só pode ser esclarecido sobre um assunto ou conjunto de assuntos. Por isso, se todos soubessem tudo de tudo e todos pudessem opinar sobre qualquer assunto, a humanidade mergulharia no caos.

Mais adiante, a idéia de inviabilidade do esclarecimento é retomada somada à acusação de convivência do esclarecimento com o processo de alienação:

Os homens receberam o seu eu como algo pertencente a cada um, diferente de todos os outros, para que ele possa com tanto maior segurança se tornar igual. Mas, como isso nunca se realizou inteiramente, o esclarecimento sempre simpatizou, mesmo durante o período do liberalismo, com a coerção social. A unidade da coletividade manipulada consiste na negação de cada indivíduo; seria digna de escárnio a sociedade que conseguisse transformar os homens em indivíduos (ADORNO e HORKHEIMER, 1947, p.27)

A acusação é reforçada no terceiro capítulo (sobre a relação entre “esclarecimento e moral”), onde os autores afirmam que

atrelado ao modo de produção dominante, o esclarecimento, que se empenha em solapar a ordem tornada repressiva, dissolve-se a si mesmo. Isso ficou manifesto já nos primeiros ataques que o esclarecimento corrente empreendeu contra Kant, o "tritador universal". Do mesmo modo que a filosofia moral de Kant limitou sua crítica esclarecedora para salvar a possibilidade da razão, assim também, inversamente, o pensamento esclarecido mas irrefletido empenhou-se sempre, por uma questão de autoconservação, em superar-se a si mesmo no ceticismo, a fim de abrir espaço suficiente para a ordem existente. (ADORNO e HORKHEIMER, 1947, p.92)

Ao explicar que apesar de o sucesso do esclarecimento ser atingido com o uso público da razão, Kant já havia chegado a este entrave, da impossibilidade de todos (esclarecidos) terem a liberdade de opinar sobre qualquer assunto, mas ao saná-lo,



aplica o primeiro golpe no esclarecimento ao afirmar que o respeito às regras é necessário para uma harmonia social. Por esse raciocínio, faz-se necessária a difícil tarefa de limitar o espaço onde se pode dar o esclarecimento, porém, mesmo que seja possível delimitar esse espaço, privado de liberdade o esclarecimento deixa de existir.

Portanto, a presença do esclarecimento de Kant na *Dialética do Esclarecimento* está clara especialmente na proximidade entre a Indústria Cultural e os guardiões responsáveis por manter a humanidade na minoridade e na inviabilidade do esclarecimento, tanto pela falta de vontade do público de esclarecer-se quanto pelo uso da técnica no processo de alienação.

### **Considerações finais**

Diante das evidências, fica claro que a idéia de alienação e irracionalidade atribuída ao texto da *Dialética do Esclarecimento* já estava presente no pensamento de Kant. Mais que isso a *Dialética* é uma continuidade e uma adaptação do esclarecimento aos dias atuais, o que confirma a forte influência da filosofia kantiana na obra de 1947.

Entre os conceitos kantianos refletidos na *Dialética*, o mais importante para o estudo da Comunicação seria o de guardiões que tomam para si a tarefa de guiar a multidão. Com o advento da tecnologia e da sociedade mediática, essa tarefa ficou a cargo da Indústria Cultural.

Daí, podemos afirmar que a idéia de passividade do público perante a Indústria Cultural, presente na *Dialética*, é um paralelo com a contraposição entre preguiça e esforço e entre esforço e mercadoria feita por Kant. Em resumo, há sim uma alienação por parte da sociedade, no sentido de anulação da individualidade. Porém, esse processo de alienação não ocorre por falta de capacidade do ser humano de emancipar-se, mas pela falta de vontade, ou ainda pela falta de oportunidade.

A partir da promoção deste diálogo, destacamos a importância de considerarmos as influências e origens do que nos é apresentado, pois o conhecimento só surge em oposição ao que é anterior a ele. Além disso, acreditamos que a evolução da pesquisa consiste justamente na contestação de idéias.

Uma citação de Alexandre Koyré resume bem o ponto em que chegamos.

Não podemos esquecer que a “influência” não é uma relação simples; pelo contrário, é bilateral e muito complexa. Não somos influenciados por tudo aquilo que lemos ou aprendemos. Em certo sentido, talvez o mais profundo, somos nós mesmos que determinamos as influências a



que nos submetemos; nossos ancestrais intelectuais não são de modo algum dados a nós; nós é que os escolhemos, livremente. Pelo menos, em grande parte (KOYRÉ, 1979, p. 17)

Logo, é importante retomarmos nossas influências e aqueles que, por sua vez, as influenciaram.



## Referências

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997

DEFLEUR, Melvin L.; BALL-ROKEACH, Sandra; VELHO, Octavio Alves (Trad.). **Teorias da comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993

FREITAG, Bárbara. **A teoria crítica**: ontem e hoje. São Paulo, SP: Brasiliense, 1994

JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 3. ed Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: Que é Esclarecimento?. KANT, Immanuel. **Textos Seletos**, *Edição Bilingüe*. Trad. Floriano de Sousa Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1974.

KOYRÉ, Alexandre,. **Do mundo fechado ao universo infinito**. Rio de Janeiro: Forense-Universitaria, 1979.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle; ROUANET, Luiz Paulo (Trad.). **História das teorias da comunicação**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1999

ORTIZ, Renato . A Escola de Frankfurt e a Questão da Cultura. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 1, 1986. Disponível no site: [http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_01/rbcs01\\_05.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_01/rbcs01_05.htm) acessado no dia 16 de junho, às 3h25.

RÜDIGER, Francisco. A Escola de Frankfurt. In: Hohlfeldt, A. França, V. Martino, V. (Org.): **Teorias da comunicação**: Conceitos, tendências e autores Petrópolis: Vozes, 2001.

SLATER, Phil. **Origem e Significado da Escola de Frankfurt**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978

WIGGERSHAUS, Rolf. *Escola de Frankfurt* - História, desenvolvimento teórico, significação política. Tradução: Vera de Azambuja Harvey. Rio de Janeiro: Difeel, 2002.